



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

A CONSTRUÇÃO [PAGAR_{INFINITIVO}+SN] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO



THE CONSTRUCTION [PAGAR_{INFINITIVE}+SN] IN BRAZILIAN PORTUGUESE

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA-SANTOS
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BRASIL

KÁTIA ROBERTA RODRIGUES-PINTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 01/07/2020 ● APROVADO EM 09/09/2020

Abstract

This study aims to describe the construction [pagar_{infinitivo}+SN], that pull some microconstructions such as *pagar o pato*, *pagar mico*, *pagar pau*, that arise from an abstraction process expressing idiosyncratic processes. As theoretical, this work is based on the cognitivist assumptions found in Croft (2001) and Bybee (2010) and in the constructional approach of Traugott and Trousdale (2013). Thus, the aim was to analyze the schematicity and compositionality of [pagar_{infinitive}+NP], to determine the levels of generality and abstraction, and location on the network of the pagar verb in Brazilian Portuguese. For the collection of data, data from the 21st century was chosen, in the Corpus do Português. After analysis and discussion, it's noted that [pagar_{infinitive}+NP] doesn't present the semantic compositionality, schematic and is located on a network with other constructions, such as [pagar+ SP].

Resumo

Este artigo tem como objetivo evidenciar o uso da construção [pagar_{infinitivo}+SN], que licencia expressões como *pagar o pato*, *pagar mico*, *pagar pau*, que surgem de um processo de abstratização, expressando processos idiossincráticos. Como fundamentação teórica, toma-se como base pressupostos cognitivistas, como se vê em Croft (2001) e Bybee (2010) aliados à abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013). Assim, objetivou-se analisar a esquematicidade e composicionalidade de [pagar_{infinitivo}+SN], de modo que seja possível determinar os graus de generalidade e abstração, bem como seu estatuto em uma possível rede com usos do verbo pagar no português brasileiro. Para coleta de dados, optou-se por ocorrências do século XXI, no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006). A partir da análise e discussão, notou-se que [pagar_{infinitivo}+SN], além de apresentar diversos graus de composicionalidade semântica, é bastante esquemático e encontra-se alocado em uma rede que abarca outras construções, como [pagar+SP].

Entradas para indexação

KEYWORDS: Constructional approach. Constructions. Pagar verb.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem construcional. Construções. Verbo pagar.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Considerando que toda arquitetura da linguagem pode ser compreendida como uma rede de construções (GOLDBERG, 2003), pretende-se, neste artigo, investigar expressões com o verbo *pagar*, a partir de diferentes contextos de uso, tais como *pagar mico*, *pagar pau* e *pagar o pato*.

Cunha (2010), ao analisar a etimologia do verbo *pagar* originado do latim *pacāre*, sugere acepções como: remunerar, gratificar e recompensar, ou seja, sentidos que se relacionam a quitação de dívidas e serviços. Embora os significados do verbo *pagar* apresentem nuances monetárias, podem-se detectar outras acepções, por exemplo por meio da construção *pagar o pato*, que, como se vê abaixo, significa sofrer injustamente as consequências de algo. Observe às ocorrências em (i) e (ii):

(i) Parte do dinheiro era para resolver débitos de 2002. Uma parte para planejar, em 2003, as campanhas eleitorais de 2004. E uma parte para a eleição de 2004. Sei que foi uma ilegalidade. *Pagar* dívida de outro partido com dinheiro não contabilizado é proibido pela lei eleitoral. (rvchudo.blogspot.com - Os 403 dias que marcaram o escândalo do mensalão (Parte II))

(ii) Se a Telexfree quebrar quem vai *pagar* o PATO SOU EU? Então porque tanto interesse na minha vida financeira... (acertodecontas.blog.br)

Na ocorrência em (i), o significado de *pagar* denota nuances voltadas à dívida monetária, uma vez que se relaciona com a liquidação de valores. O contexto da ocorrência (i) é outro fator que permite recuperar um significado mais concreto, pois, por meio da afirmação *pagar dívida de outro partido com dinheiro não contabilizado*, percebe-se que todo o conteúdo relaciona-se às mesmas nuances: dívida, dinheiro e pagamento.

Por outro lado, usos como em (ii) sinalizam que *pagar* adquire um novo significado, mais voltado à consequência de um evento. Ao mencionar *pagar o pato*, o locutor refere-se ao fato de que ninguém, além dele, irá sofrer consequência ruim, caso a empresa *Telexfree* falir, ou seja, não há motivos para especulações acerca de suas finanças.

A partir das duas ocorrências acima, percebe-se a existência de um processo de abstratização, que, segundo Hopper (1991), atua na dispersão de características da forma fonte, permitindo a expressão de nuances mais abstratas, por meio da redução de acepções centrais, que são ligadas à ação principal de *pagar*. Por meio das premissas acima, nota-se que, embora tais construções sejam licenciadas pelo padrão [*pagar*_{infinitivo}+SN], é possível recuperar diferentes nuances, a depender do contexto em que cada um está inserido.

Nesse sentido, com o objetivo de investigar e descrever construções inovadoras com o verbo *pagar*, este artigo organiza-se em cinco seções. A primeira seção, que aqui se apresenta, evidencia o objeto em análise elencando os principais pontos a serem discutidos no trabalho, a seguir, na seção dois, é apresentada a abordagem construcional que, ligada aos pressupostos teóricos cognitivistas, permitindo um olhar mais aprofundado da construção em análise. Na seção três, apresenta-se a metodologia, com os recortes utilizados para análise e, posteriormente, na seção quatro, expõe-se a descrição e a análise dos dados divididos em três subseções: (i) o pareamento forma e função da construção [*pagar*_{infinitivo}+SN], bem como sua consolidação como *chunk*; (ii) análise dos níveis de composicionalidade, em termos de generalização e abstração; e (iii) a esquematicidade da rede associada à construção. Por conseguinte, na quinta seção, são apresentadas as considerações finais evidenciando a hipótese de que os enunciados com *pagar* constituem estruturas semi-idiomáticas, devido ao *slot*¹ preenchido pelo sintagma nominal posposto entrincheirado ao predicado, caracterizando um significado idiossincrático em determinadas construções.

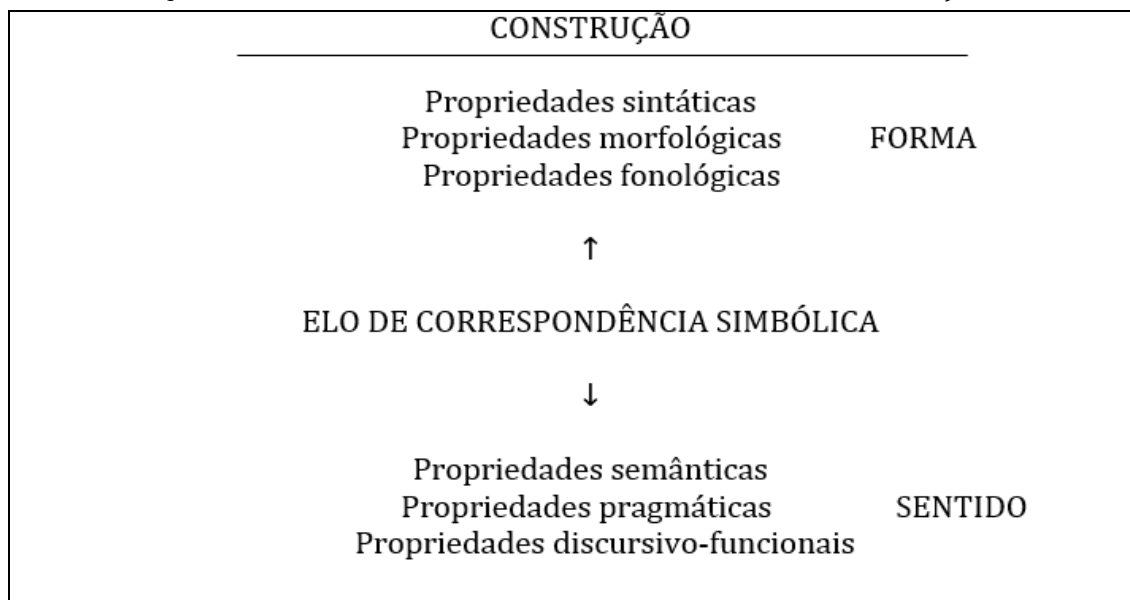
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para este estudo, adotam-se as contribuições de autores como Croft (2001); Croft e Cruse (2004); Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013) para os quais toda construção é um pareamento de forma e significado, sendo esse pareamento convencionalizado à medida que passa a ser compartilhado por um grupo de

¹ Entendido como subpartes de uma construção que podem ser preenchidas por diferentes sintagmas.

falantes. A partir dessa perspectiva, compreende-se que aspectos de forma, tais como os sintáticos, morfológicos e fonológicos correlacionam-se aos aspectos de significado, desdobrados em semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais, tal como propõe Croft (2001):

Quadro 1: Modelo de estrutura simbólica de uma construção.



Fonte: Própria das autoras. Adaptado e traduzido de Croft (2001, p. 18)

Com base no modelo de estrutura simbólica da construção, é possível compreender a língua(gem) a partir da articulação existente entre propriedades sintáticas e semânticas. Assim, baseando-se na proposta da abordagem construcional, consideram-se essenciais: (i) a visão da língua como resultado da experiência; (ii) a construção como unidade básica de análise; (iii) os processos cognitivos de domínio geral, e (iv) a organização da gramática em rede. Baseando-se nos pressupostos sugeridos pela abordagem construcional, é possível compreender que toda a arquitetura da linguagem é organizada em redes de construções consolidadas por elos de forma e significado.

Partindo do entendimento de que a língua é fruto da experiência e que as estruturas gramaticais derivam de processos cognitivos gerais responsáveis, também, por outras áreas da cognição humana, Bybee (2010) discute sobre alguns desses processos cognitivos que permitem ao indivíduo estabelecer relações entre conhecimentos já armazenados e novas instâncias que são apreendidas por meio das experiências comunicativas.

Dentre os processos elucidados pela autora, são considerados relevantes para este estudo a *categorização*, que, de modo geral, consiste na capacidade do indivíduo de agrupar itens semelhantes em torno de um exemplar altamente frequente. Para Bybee (2010), os indivíduos constroem protótipos abstratos em torno de categorias, organizando-os, a partir do compartilhamento de traços, envolvendo membros centrais e periféricos. Assim, os itens que compartilham o

maior número de características da categoria central estarão sempre mais próximos do núcleo, e os que compartilham minimamente tais características, localizam-se a margem. As categorias linguísticas são baseadas em ocorrências concretas, pois os falantes constroem modelos abstratos em torno de exemplares mais gerais, organizando-os, a partir da maior ou menor proximidade.

Presente nas experiências do falante com a língua, outro processo que auxilia na explicação de construções inovadoras com o verbo *pagar* configura um *chunking* (agrupamento), que é definido por Bybee (2010) como um processo de domínio geral que permite o fato de sequências de unidades se combinarem, formando unidades mais complexas, a partir de um processamento simples. Assim, podem surgir construções mais complexas e rotinizadas, devido à alta frequência de uso (BYBEE, 2010).

Para além dos processos citados acima, há a *analogização* que permite o surgimento de um novo uso com base em uma construção já existente. Logo, em processos analógicos, notam-se semelhanças estruturais em domínios distintos, uma vez que há a possibilidade de extensão de significados, por meio do alto grau de similaridade entre estruturas linguísticas.

Considerando que o processo de *analogização* mantém relação estreita com a *metaforização*, que, para Hopper (1991), é considerado um processo cognitivo que proporciona ao falante partir de experiências do mundo biossocial, para representar ações mais abstratas, depreende-se que as construções com *pagar*, ao passar por processos analógicos apresentam extensão de significado, obtendo, assim, maior alcance contextual.

Traugott e Trousdale (2013), ao tratar da formação da construção, reiteram três princípios que devem ser considerados: *produtividade*, *esquematicidade* e *composicionalidade*. Em relação à *produtividade*, compreende-se que “o nível de produtividade de uma construção é gradiente”² (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), uma vez que é caracterizada por meio da capacidade de extensibilidade apresentada, isto é, as categorias linguísticas não são discretas, e a língua constitui uma estrutura mental em constante mudança.

Para os autores, ao investigar uma construção, é preciso observar a frequência *type* (de tipo), que é compreendida como o número de expressões distintas que um determinado padrão pode licenciar, ao lado da frequência *token* (de ocorrência), que configura o número de vezes que uma mesma unidade ocorre no texto. Para os autores, observar a frequência *token* da construção é tão relevante quanto a frequência *type*, visto que ambas permitem mapear o nível de produtividade que ela possui.

A *esquematicidade* constitui uma propriedade de processos de categorização que envolve abstratização, ou seja, um esquema é semelhante a uma generalização taxonômica de categorias. Segundo os autores, um exemplo prático para compreensão do princípio de esquematicidade é a relação dos conceitos *mobília*, *cadeira* e *poltrona*, uma vez que *mobília* constitui o grau mais alto de generalização sendo utilizado para caracterizar um grande conjunto de artefatos, seguido de *cadeira*, que é acessado mais facilmente pelos falantes, e caracteriza-se como mais geral que *poltrona*.

²In our view the productivity of a construction is gradient (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

No que compete à *composicionalidade*, para Traugott e Trousdale (2013) tal fator faz referência ao grau de transparência entre forma e significado no nível da construção. Assim, assume-se que uma construção é mais composicional, semanticamente, quando o significado das partes ainda é recuperado no todo, e um exemplo disso é a expressão idiomática *bater as botas*, que pode ser considerada não composicional, pelo fato de a junção dos termos gerar um significado novo e indissociável do ato de *ir a óbito*.

Observa-se, segundo os autores, que o fenômeno de mudança linguística aponta para a redução da composicionalidade, tanto sintática quanto semântica, visto que o *continuum* da mudança leva a uma constante abstratização, com conseqüente perda das propriedades que as instanciaram. Contudo, para tratar de variação e mudança, é válido considerar dados diacrônicos que permitam atestar os micropassos percorridos no processo, o que não se focaliza neste estudo, uma vez que esta análise se preocupa, essencialmente, com dados da sincronia atual.

Nesta perspectiva, ao observar a arquitetura da linguagem, surge a metáfora de rede postulada em Goldberg (2003), que possibilita a captura de conexões entre variados usos, de modo que sejam recuperados nós e *links* entre nós no domínio conceptual da linguagem. Observar a existência de elos entre construções distintas reforça a concepção de que a língua deve ser compreendida e explicada por meio de redes conceptuais, que abrigam inúmeros usos gerados no interior da comunicação.

3. METODOLOGIA

Quanto à metodologia adotada para este estudo, optou-se pelo levantamento de ocorrências disponíveis no banco de dados do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006)³. Esse *corpus* disponibiliza aos usuários ferramentas de busca fornecendo, inclusive, a frequência de cada construção. Para a análise, foram coletadas ocorrências, do século XXI, retiradas do *Web/Dialetos*, que compõem a nova edição do *corpus* e fornecem um acervo com cerca de um bilhão de palavras de textos retirados da *web*. O *corpus* disponibiliza, inclusive, a busca de dados em páginas da *web* de países como Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, contudo nossa coleta se restringe apenas ao material disponível em páginas brasileiras. Sendo assim, o acesso a usos formais e informais da atual sincronia da língua é possível devido à configuração do *corpus* adotado.

Com o objetivo de analisar a construção [pagar_{infinitivo}+SN], foram considerados os seguintes parâmetros formais e funcionais: (i) a etimologia de *pagar*; (ii) as acepções proporcionadas pelos diferentes contextos de uso, (iii) o grau de esquematicidade, a partir da observação das possibilidades de preenchimento dos *slots* da construção, e (iv) o grau de composicionalidade, em termos de generalidade e correspondência semântica.

Vale destacar que usos inovadores podem ser encontrados em diferentes configurações, ou seja, não só no infinitivo como também nas formas nominais de gerúndio e participio ou mesmo com o verbo flexionado. No entanto, por ser um

³ Disponível *on-line* em <https://www.corpusdoportugues.org>.

estudo inicial da construção [pagar+SN], optou-se apenas por construções com *pagar* no infinitivo. Assim, a partir do *corpus Web/Dialetos*, foi possível encontrar um grande número de ocorrências licenciadas pelo padrão [pagar_{infinitivo}+SN], as quais serão analisadas na quarta próxima deste artigo.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE

4.1 O padrão [pagar_{infinitivo}+SN] no português brasileiro

Considerando os elementos da construção [pagar_{infinitivo}+SN], a partir do paradigma da gramática normativa, é possível notar a formação de uma perífrase verbo-nominal composta pelo verbo de transferência *pagar*. Em uma classificação mais geral, de acordo com Borba (1990, p. 2823), *pagar* representa ações como: *saldar dívidas*, *compromissos financeiros* e *dar a paga*, ou seja, *a recompensa de um trabalho feito e de antemão combinado*. Em relação à etimologia do verbo, em Cunha (2010, p. 469), observa-se que *pagar*, do latim *pacāre*, surge no século XIII, expressando os sentidos *remunerar*, *gratificar* e *recompensar*.

Para melhor compreensão da perda de composicionalidade semântica em construções com [pagar_{infinitivo}+SN], abaixo, notam-se ocorrências que expressam o significado mais concreto da construção, referindo-se, ainda, a uma ação monetária:

(1) Dívidas e gastos baixos em saúde minam a gestão Tarso. Dificuldades para *pagar dívidas* e atingir o mínimo obrigatório de gastos em setores essenciais marcam o cenário. (congressoemfoco.uol.com.br)

(2) As pequenas e médias empresas estão amparadas pela lei para *pagar impostos* num sistema especial, chamado Simples Nacional (ou Regime Especial Unificado de Arrecadação). (becocomsaida.blog.br)

(3) Caso não tenha como *pagar advogado* poderá procurar a defensoria pública da comarca do município onde reside. (tecnocafe.com.br)

Em (1) e (2), os sintagmas *dívidas* e *impostos* referem-se a débitos a serem quitados, pois, na segunda, a gestão de Tarso não consegue encerrar as pendências financeiras e, na terceira, o fato é que a empresa deve pagar algumas dívidas por meio de um sistema caracterizado como simples nacional.

Nessas ocorrências, observa-se que o significado das partes com relação ao todo é totalmente analisável, assim como ocorre em (3), com a predicação *pagar advogado*, que se refere a pagar pelos serviços prestados por um advogado. Nesses usos, há composicionalidade semântica, uma vez que designa os significados prototípicos do verbo *pagar*, os quais remetem a compromissos financeiros.

Muito recorrente em situações comunicativas reais, encontram-se construções como em (4):

(4) Não dá para esperar que um cara que ganha 1500 por mês e tem que pagar as despesas de moradia, saúde e alimentação, vai *pagar 30 pau* para tomar uma *fruit beer* de 330ml! (brejas.com.br)

Quando o falante recorre à expressão *pagar 30 pau* (4), para declarar o valor abusivo cobrado por um tipo de cerveja, entende-se que ele utiliza a expressão *pau* para se referir à moeda corrente. No entanto, *pagar* ainda está sendo utilizado como predicado de transferência e retém seu sentido central e prototípico, ainda que o uso ocorra frequentemente em contextos mais informais.

Nota-se que a construção [*pagar*_{infinitivo}+SN], ao mesmo tempo que mantém sua composicionalidade sintática, sanciona o desenvolvimento de construções com novos significados, com níveis de composicionalidade semântica variados, como demonstrado a seguir, a partir de um dos usos inovadores com o predicado analisado:

(5) Acho que você está fixada neste padrão de que amar é sofrer e *pagar pau* pra quem não liga pra você. (gloss.abril.com.br)

A expressão *pagar pau*, em (5), diferentemente da ocorrência em (4), configura um *chunk* totalmente convencionalizado, que atua em contextos que expressam admiração, reconhecimento, apreciação, e bajulação. Como foi discutido na quarta seção, *chunking*, que caracteriza um processo de cristalização via rotinização de usos, é um dos mecanismos cognitivos de domínio geral responsáveis pela formação de construções como em (5).

Licenciada pelo padrão [*pagar*_{infinitivo}+SN], *pagar pau* denota nuances que se afastam do significado inicial, que é postulado em Cunha (2010). Quando o falante diz, em (5), *pagar pau pra quem não liga pra você*, entende-se que alguém admira uma pessoa que não a valoriza, ou seja, alguém está se preocupando com quem não lhe oferece atenção. Em relação ao alcance contextual dessa construção, percebe-se que, para expressar o significado inovador, é preciso haver um contexto relacionado a um evento que contenha um indivíduo com constante admiração por outro.

A possibilidade de alterações formais sem anulação do significado da construção também é observada nesses usos, isso porque o elemento central da construção é um verbo e sua propriedade principal de flexão é mantida, podendo ser observada na forma nominal de gerúndio, como se vê em (6):

(6) Vou confessar aqui, o meu maior medo com maquiagem é sair de casa *pagando mico* com uma "máscara" escura que pode ser vista há 1 quadra... (botoezinhos.com)

O contexto de uso da construção com o verbo *pagar* em (6) denota o significado de *constrangimento* em relação à qualidade da maquiagem, o que pode ser interpretado por meio da afirmação do interlocutor em relação ao receio de ela não ficar bem feita.

Com base no Dicionário Informal, disponível *online*⁴, tanto *pagar mico* quanto *pagar pau* apresentam nuances que explicam tais usos nos contextos supracitados. Em relação a *pagar mico*, são denotados os sentidos de *envergonhar-se*, *prejudicar-se*, *injuriar-se* e *humilhar-se*, podendo, assim, ocorrer em diferentes contextos que permitem recuperar tais nuances.

As duas construções abaixo expressam significados voltados a constrangimento e humilhação, demonstrando claro distanciamento do uso fonte, que está ligado a compromissos financeiros.

(7) Sr. Andres, tem de participar pra ganhar, mas, se for pra *pagar mico*, é melhor nem entrar! (blogdobirner.virgula.uol.com.br)

(8) Os procuradores da República devem entrar com ação judicial. Por enquanto, a maior humilhação seria o uso descarado dessa mordomia imerecida e para a qual não tem classe nem status social. Pena que, na hora de *pagar vexame*, o sentimento de humilhação seja só para os que têm vergonha na cara. (sanatoriodanoticia.blogspot.com)

Pagar mico, em (7), assim como em *pagar pau*, também não apresenta traços de composicionalidade semântica, o que atesta a constituição de um *chunk* no português. Bybee (2010, p. 68) afirma que “construções são *chunks* linguísticos sequenciais convencionalmente usados juntos e que, às vezes, têm significados especiais ou outras propriedades”, assim, com base no que a autora propõe, entende-se, a partir dessas construções, que há um pareamento de forma e sentido convencionalizado e utilizado em contextos diversos, como os que aqui se apresentam. Tanto em *pagar mico* quanto em *pagar vexame*, visto em (8), o contexto permanece o mesmo, pois sempre relacionará um acontecimento indesejável, que causa desconforto e constrangimento. Sendo considerados não composicionais, à medida que se desdobra em um significado idiossincrático, essas construções vão se consolidando com o aumento da frequência, que será discutido adiante.

Para além desses usos, na esteira das construções aqui analisadas, encontram-se as seguintes ocorrências:

(9) A pancadaria tem lógica política, mas o país nem sempre tem que *pagar o pato* pela briga deles... (terramagazine.terra.com.br)

(10) Deivid, que perdeu um gol daqueles inacreditáveis diante do Vasco, vai *pagar o pato* pela eliminação rubro-negra na semifinal da Taça Guanabara. (blogdogersonnogueira.wordpress.com)

Pagar o pato, nesses contextos, refere-se a sofrer as consequências em decorrência de um fato ou ato ocorrido. Observa-se em (9) que, embora a gestão do país tenha problemas, o povo não deve sofrer as consequências disso, isto é, sofrer

⁴ Disponível em www.dicionarioinformal.com.br.

pelos danos causados pela discordância política. Essa afirmação aproxima-se da ideia encontrada em (10), em virtude de Deivid perder a oportunidade de realizar o gol que levaria o Flamengo para a final do campeonato carioca ao ser apontado como responsável pela eliminação do seu time. Os contextos que proporcionam o uso da construção *pagar o pato* estão sempre relacionados a um evento causado por determinado grupo de pessoas, mas que apenas parte dele sofre a punição.

Outro uso levantado, relaciona-se a sentidos ligados à práticas sexuais, o que distancia ainda mais a construção com *pagar* de seu significado prototípico. *Pagar um boquete*, mesmo que pouco frequente no *corpus*, revela a ausência de composicionalidade semântica, que se torna evidente a partir dos contextos em que ocorre. Nesse uso, presume-se que, pelo fato de um indivíduo querer agradar a outro, ele se sente na obrigação de realizar algo que o satisfaça, conforme pode ser visto a seguir:

(11) Daí a gente faz o que pode pra agradar o carinha, se ele pedir pra gente *pagar um boquete*, a gente vai lá e paga néh ... (papodehomem.com.br)

(12) A grande maioria dessas 'minas' não têm coragem de, sequer, *pagar um boquete*, mas acham que estão dando aula de vida sexual. (machoacha.com)

Por meio das ocorrências acima, é possível notar que *pagar um boquete* pode ser entendido no sentido de fazer sexo oral, nesses casos com o pênis, expressando, nesse contexto, um funcionamento semelhante ao do verbo *fazer*.

Com base na discussão feita até aqui, percebe-se que essas microconstruções variam em termos de composicionalidade semântica, pois, mesmo que elas estejam bastante convencionalizadas, no português brasileiro moderno, nem todas perdem totalmente a sua correspondência semântica de origem, *saldar um compromisso*, como se vê em (11). Sendo assim, na próxima seção, será feita uma análise com intuito de evidenciar os graus de composicionalidade semântica das construções aqui investigadas.

4.2 A composicionalidade e a esquematicidade da construção [*pagar*_{infinitivo}+SN]

Para demonstração dos dados, elaborou-se uma tabela para observação da frequência *type* e *token* da construção em usos idiomáticos. Nota-se que, do padrão [*pagar*_{infinitivo}+SN], encontraram-se 5 *types* com uma frequência total de 443 *tokens* devidamente comprovados.

Tabela 1: Frequência *type* e *token*.

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
pagar mico	218
pagar o pato	163

pagar pau	53
pagar um boquete	9
pagar vexame	2
Total	443

Fonte: *Corpus do Português*.

No *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), disponível *online*, a construção *pagar mico* mostrou-se mais frequente em relação às outras. No entanto, não é possível fazer generalizações acerca do processo de categorização, pois não se atestou qual delas é a mais frequente na língua e se há uma que serve de base para as demais. O que se observa é que há um padrão de forma que permite a todas as demais ocorrerem em contextos informais, o que se comprova por meio das ocorrências analisadas na seção anterior.

Entende-se que a composicionalidade é geralmente pensada tanto em termos semânticos (o significado das partes e do todo), de propriedades combinatórias do componente sintático ou, ainda, em termos de *match* ou *mismatch*⁵:

Do ponto de vista construcional, a composicionalidade é melhor pensada em termos de *match* ou *mismatch* entre aspectos da forma e aspectos do significado. Se o construto é semanticamente composicional, desde que o falante tenha produzido uma sequência convencional sintática, e o ouvinte entenda o significado de cada item individual, esse será capaz de decodificar o significado do todo. Se não for composicional, haverá *mismatch* entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19)⁶.

Para os autores, uma construção perde composicionalidade quando não há relação entre o significado das partes com o todo, o que se observa em certas construções aqui apresentadas, ainda que ocorram graus díspares de composicionalidade. Observe o contraste entre as ocorrências em (13) e (14):

(13) Os leões estavam extremamente magros e machucados. O dono do circo deve pagar multa de R\$ 6,5 mil até 12 de agosto de 2008... (pea.org.br)

(14) Temos que saber pelo menos o mínimo sobre outras áreas para não pagar mico. (chatadegalocha.com)

Entre as ocorrências acima, evidencia-se que em (13) há uma ação relacionada a despesas financeiras, pois o dono do circo deverá quitar uma multa no

⁵ *Match* e *mismatch* podem ser compreendidos como correspondência e incompatibilidade, respectivamente, em tradução livre. Optou-se em manter o termo original por ser assim encontrado em estudos que adotam essa perspectiva teórica.

⁶ Traduzido pelas autoras.

valor de R\$ 6,5 mil reais, fato que não acontece em (14), visto que o construto *pagar mico* é expressivo a partir do todo *estar envergonhado*.

A partir das ocorrências, como em (14), percebe-se a perda de composicionalidade semântica, uma vez que em nenhuma dessas construções *pagar* apresenta as acepções concretas, que estão ligadas a uma ação monetária. Por meio dos diferentes contextos, são acionados diferentes significados construídos a partir de cada evento, o que permite um maior alcance em termos de frequência dessas construções.

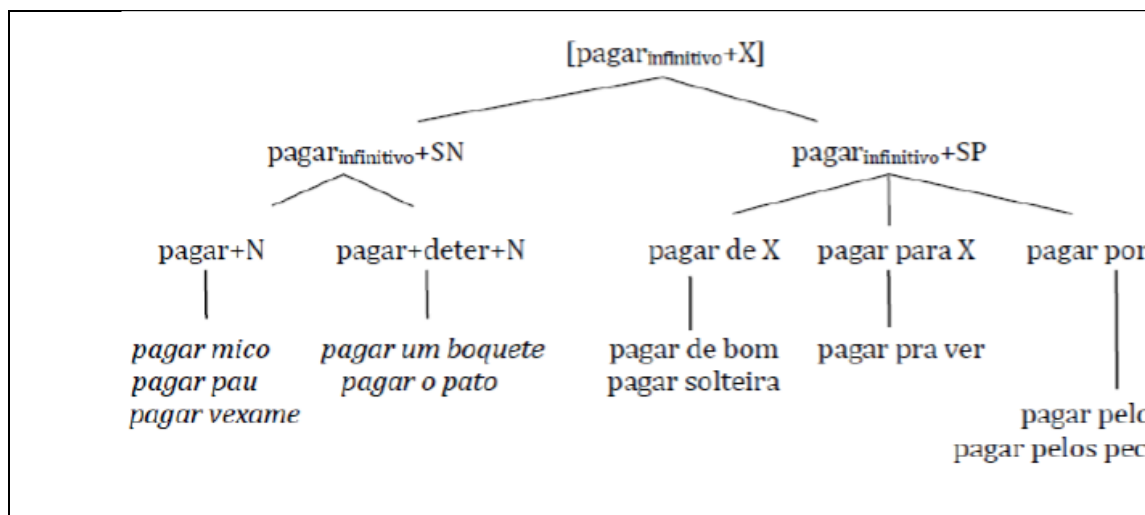
Para compreensão de esquematicidade como uma propriedade de categorização, que necessariamente implica abstração, é requisito básico o entendimento de esquema que configura, conforme Traugott e Trousdale (2013), uma generalização taxonômica de categorias rotinizadas pela experiência. Na visão dos autores, a esquematicidade linguística é disposta em níveis hierárquicos e atestados na língua por meio dos construtos. Tais níveis tornam-se mais esquemáticos à medida que atingem um alto grau de abstratização, isso porque o padrão produtivo expande-se promovendo a instanciação de novas microconstruções que constituem resultados de um padrão hierárquico superior: os subesquemas.

Segundo Goldberg (2003, p. 20), as construções, sejam elas compostas por morfemas ou orações complexas, são analisáveis de acordo com os níveis de esquematicidade que apresentam. Enquanto *pagar* é uma construção preenchida lexicalmente, *pagar um boquete* compreende uma microconstrução gramatical mais esquemática, dada às subpartes que compõe o todo. É importante destacar que o falante possui conhecimento generalizado e armazenado cognitivamente, não retendo, em relação aos esquemas gramaticais da língua, apenas informações lexicais individuais.

Destarte, microconstruções do tipo *X pagar mico*, *X pagar pau*, *X pagar o pato*, *X pagar um boquete* e *X pagar vexame* configuram expressões semi-idiomáticas, justamente, por apresentarem *slots* a serem preenchidos configurando padrões gramaticais semiesquemáticos.

Para apresentar o estatuto hierárquico da construção [pagar_{infinitivo}+SN], é válido alocá-lo na rede construcional [pagar_{infinitivo}+X], conforme se observa no quadro abaixo:

Quadro 2: Rede construcional de [pagar_{infinitivo}+X]



Fonte: Próprio das autoras.

Com base no esquema apresentado, percebe-se que tais construções encontram-se ligadas por meio da forma [pagar_{infinitivo}+X], embora expressem nuances semânticas distintas. Assim, ancorando-se na perspectiva construcional, é possível compreender que construções com o verbo *pagar* têm apresentado novos funcionamentos, à medida que, por meio de um novo pareamento entre forma e significado, passam a desencadear novos usos, como os apresentados ao longo deste trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a língua a partir da abordagem construcional como é definida em Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013), nota-se que toda a arquitetura da língua(gem) pode ser compreendida por meio de um inventário de construções que podem ser concebidas a partir de um pareamento entre forma e significado.

Ao longo deste artigo, foram abordados os aspectos concernentes à construção [pagar_{infinitivo}+SN] com o objetivo de descrever os construtos sancionados a partir desse subesquema. Por meio dos pressupostos teóricos adotados, foi possível assegurar que o verbo *pagar*, além da sua função predicativa, opera como constituinte lexical gerador de expressões semi-idiomáticas.

Devido a sua carga semântica relacionada a compromissos e obrigações, *pagar* sanciona construções esquemáticas e, conseqüentemente, mais abstratas, apresentando graus variados de composicionalidade. A partir do pareamento forma e significado dessas construções, formaram-se *chunks* cognitivamente rotinizados e convencionalizados, conforme demonstrado pela frequência *token* retirado do *corpus* utilizado.

Ao situar [pagar_{infinitivo}+SN] em uma rede construcional, conclui-se que: (i) os construtos compostos por *pagar* têm seus *slots* abertos e preenchidos por variados sintagmas nominais configurando construções semiesquemáticas, permitindo

significados idiossincráticos; (ii) as expressões semi-idiomáticas com o predicado em análise são marcadas pela informalidade do contexto de interação; (iii) *pagar* integra uma rede construcional altamente produtiva e esquemática que abarca diferentes construções com variados graus de composicionalidade.

Após analisar as construções com o verbo *pagar*, pode-se constatar que [pagar_{infinitivo}+SN] apresenta produtividade parcial, visto que permite o licenciamento de diferentes *types*, com níveis de frequência variados. Assim, tendo em vista a existência de outros subesquemas na rede, evidenciam-se possibilidades de análises futuras, que ampliem os estudos de construções dessa natureza no português brasileiro em perspectiva construcional, permitindo, assim, novos detalhamentos dos diferentes pareamentos de formas e de significados no interior da língua.

Referências

BORBA, F. da S. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 1990.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s**. 2006. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: Nov. 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A new theoretical approach to language**. Trends in Cognitive Science 7, 2003.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Volume I, Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALLE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Para citar este artigo

BARBOSA-SANTOS, L. de.A.; RODRIGUES-PINTO, K. R. A construção [[pagar]infin+sn] no português brasileiro. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 9, n. 4, 2020, p. 618-632.

As Autoras

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA-SANTOS é membra do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas - Cnpq, graduada em Letras (Português/Inglês), pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e mestre em Estudos Linguísticos pela mesma instituição.

KÁTIA ROBERTA RODRIGUES-PINTO é mestranda pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas - UFMS (CPTL) na área de concentração Estudos Linguísticos, linha de pesquisa Análise e descrição de línguas naturais. Possui pós-graduação *Lato Sensu* em Estudo da Gramática da Língua Portuguesa - Universidade do Oeste Paulista (2017) e graduação em Letras - Licenciatura plena em Língua Portuguesa e Língua Inglesa - Faculdades Adamantinenses Integradas (2005).